

UMA NOVA LEITURA SOBRE AS ORIGENS DO PÊSSACH

(*psh*) E A “PÁScoa JUDAICA”:

A proposta do Professor Gad Barnea.



Matheus Treuk Medeiros de Araujo

Em conferência realizada no dia 23 de abril de 2025, na PUCPR, o professor Gad Barnea, da Universidade de Haifa, ofereceu uma perspectiva inovadora sobre as origens do *pêssach*, a “páscoa” judaica, descrito na Bíblia como um festival coletivo com início no dia 14 de Nisan (Exod 12:6). A sua proposta é revisionista e traz elementos essenciais para se compreender os primórdios de um festival que, sob diversas roupagens e interpretações, influenciou várias religiões modernas, como o judaísmo e o cristianismo. A proposta explora, sobretudo, a documentação dos judaítas de Elefantina, no Egito Aquemênida, isto é, um conjunto de papiros e *ostraca* contendo textos administrativos, peças literárias e comunicações privadas que são fundamentais para a compreensão do javismo extrabíblico no Período Persa (c. 550-330 AEC).

Para compreender as origens desse festival chamado *pêssach*, o professor Barnea investigou, em particular, dois dos mais antigos documentos aramaicos extrabíblicos que faziam referência ao termo *psh*’, cognato do hebraico *psh*. Trata-se de dois *ostraca* datados dos séculos VI a V AEC, provenientes de Elefantina. Além disso, Barnea discutiu a suposta importância de um papiro aramaico erroneamente chamado de “Papiro do Pêssach”, ou “da Páscoa” – em inglês, ambos os termos são traduzidos como *Passover*, i.e., *Passover Papyrus*, que é conhecido também por sua nomenclatura técnica *P. Berlin 13464* – tema que já foi objeto de exame em publicações recentes de 2024.

Mas do que estamos falando quando nos referimos a tais documentos? A comunidade javista de Elefantina foi formada por migrantes da diáspora judaíta e samariana que, segundo as hipóteses hoje mais aceitas, teriam chegado a essa ilha egípcia, defronte à moderna Assuã (antiga Siene), em meados do século VI AEC., ainda no Período do Egito Saíta (664-525 AEC).



UMA NOVA LEITURA SOBRE AS ORIGENS DO PÊSSACH

(*psh*) E A “PÁScoa JUDAICA”:

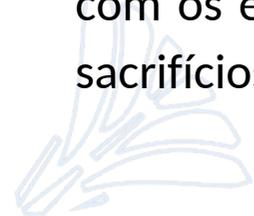
A proposta do Professor Gad Barnea.

Matheus Treuk Medeiros de Araujo



Sabemos que os membros dessa comunidade veneravam como deidade principal YHW(H) (“Yahu”), uma variante do bíblico YHWH, entre outras deidades locais (egípcias e arameias), praticando um culto de aspecto sincrético. Desde a sua chegada, eles construíram um templo para YHW/Yahu em Elefantina. No local do templo – identificado, em 1998, graças às escavações arqueológicas conduzidas por Cornelius von Pilgrim – sacerdotes e sacerdotisas realizavam sacrifícios e rituais diante de altares, sendo que, no Período Persa Aquemênida (c. 525-330 AEC), o recinto continha provavelmente um altar de fogo de matriz zoroastrista (um *’trwdn*), conforme detalhadamente explicado por Barnea. Interessantemente, sabemos que os membros da comunidade javista de Elefantina mantinham contato regular com as autoridades satrapais persas, como Arsames, as autoridades persas locais de Siene, além dos líderes das comunidades javistas de Jerusalém e de Samaria do século V AEC, conforme atestado pela documentação epistolar em aramaico.

Foi no sítio arqueológico de Elefantina que se encontrou o chamado “Papiro da Páscoa”, datado de 419 AEC, e publicado pela primeira vez por Sachau, em 1911. Esse documento constituiria, segundo a interpretação majoritária dos estudiosos, a primeira evidência extrabíblica para o *pêssach*. Desde as primeiras edições do texto, os especialistas aceitaram essa interpretação, argumentando que o papiro faria referência a certa festa que ocorreria precisamente entre os dias 15 e 21 de Nisan, o intervalo bíblico para o *pêssach*. Outros autores pensavam tratar-se de uma menção à festa dos pães ázimos (*maṣṣot*), mormente em razão de haver uma referência ao pão não-fermentado no texto. No entanto, justamente a palavra *psh*’ não aparece no papiro em nenhum momento, e o contexto da festa, da forma como descrita no documento, não se harmoniza com os elementos característicos do ritual na Bíblia Hebraica, que envolveria reuniões coletivas e sacrifícios rituais.



UMA NOVA LEITURA SOBRE AS ORIGENS DO PÊSSACH (*psh*) E A “PÁScoa JUDAICA”:



A proposta do Professor Gad Barnea.

Matheus Treuk Medeiros de Araujo

Ciente dos problemas relativos ao “Papiro da Páscoa”, Gad Barnea propõe que se abandone tal documento em favor da análise de dois *ostraca* de Elefantina (TADAE D7.65 e TADAE D7.24), os quais efetivamente contêm o termo *psh*’. O primeiro *ostracon*, datado do começo do século V AEC., em razão de aspectos paleográficos, é endereçado por uma mulher a um certo Oséias, responsável pelo cuidado de crianças (talvez os próprios filhos da remetente). O documento revela grande preocupação da remetente quanto à segurança e bem-estar das crianças. A mulher, além de tentar se informar sobre o estado destas, pede que Oseias informe “quando o *psh*’ for realizado”. Barnea esclarece que, nesse documento: (i) o *psh*’ não tem data fixa nem um momento fixo no dia para sua realização, (ii) aparece num contexto familiar e (iii) diz respeito a momentos de ansiedade e preocupação urgente.

FIGURA I: ESTÁTUA EGÍPCIA DO DEUS BES NO LOUVRE.



O caso do segundo *ostracon*, para cuja apurada interpretação Barnea sugere uma inversão da ordem de leitura do documento, indica uma preocupação do remetente com a chegada de certos inspetores em atividade de fiscalização. O remente, então, solicita ao interlocutor a realização do *psh*’ em seu auxílio. A conclusão de Barnea, a partir da análise desses dois documentos, é que o *psh*’ javista do Período Aquemênida diria respeito a um ritual de proteção doméstico, relativo a casos de ansiedade e urgência, mas não a um festival público com data fixa e rituais coletivos, como aparece na Bíblia Hebraica (Exod. 23:14-17; Deut. 16:16).

UMA NOVA LEITURA SOBRE AS ORIGENS DO PÊSSACH (*psh*) E A “PÁSCOA JUDAICA”:

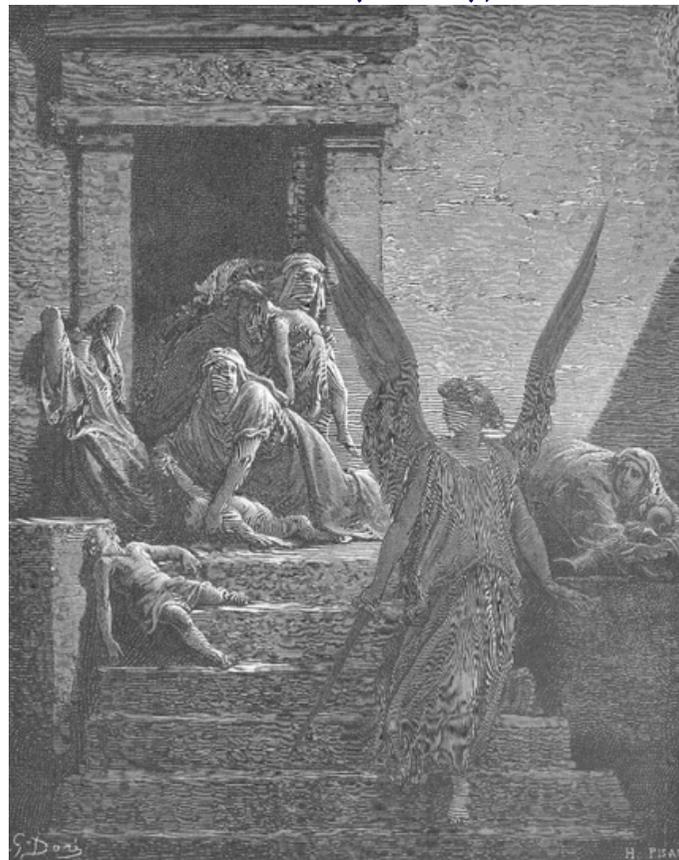


A proposta do Professor Gad Barnea.

Matheus Treuk Medeiros de Araujo

Segundo o professor Barnea, é possível encontrar corroboração adicional para essa tese a partir da possível etimologia do *psh*’/ *psh*. Conforme sua fala, estudos recentes apontariam uma correlação entre esse termo e o acadiano *pessû(m)/pissû(m)*, significando “aleijado, deformado”. No Período de El-Amarna (século XIV AEC), o vocábulo seria provavelmente usado para designar, entre outras coisas, o deus protetivo egípcio Bes (ver um figurino deste deus “pigmeu” na figura 1). O professor Barnea então propõe que o contexto antigo no qual vemos o termo sendo usado, em Elefantina, poderia sugerir um ritual de proteção da casa. O uso de sinais apotropaicos e de estatuetas de seres deformados era, de fato, atestado como forma de proteção dos lares, e Barnea nos lembra que Êxodo 12:23 traz justamente um desses rituais quando descreve o uso de marcas de sangue no limiar das casas para impedir a morte dos primogênitos hebreus durante a visita de um nume “destruidor” (Figura 2).

FIGURA 2: GUSTAVE DORÉ (1866), A MORTE DOS PRIMOGÊNITOS.



Disponível em:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:035.The_Firstborn_of_the_Egyptians_Are_Slain.jpg



UMA NOVA LEITURA SOBRE AS ORIGENS DO PÊSSACH (*psh*) E A “PÁScoa JUDAICA”:



A proposta do Professor Gad Barnea.

Matheus Treuk Medeiros de Araujo

Em outras palavras, o que foi sugerido pelo professor Gad Barnea no evento em Curitiba, bem como em suas publicações recentes, é que a “páscoa judaica” ou pêssach teria surgido como ritual doméstico de proteção em casos de angústia, medo e ansiedade, tendo apenas posteriormente se tornado um ritual oficial de caráter coletivo, celebrado numa data específica, da forma como aparece nos textos bíblicos. Não sabemos exatamente quando tal caráter oficial tomou forma, mas é provável que isso tenha ocorrido no período helenístico. O pressuposto fundamental da análise de Gad é que os textos de Elefantina não devem ser tomados como forma de um jvismo “desviante” em relação à Bíblia, mas como a única evidência arqueológica extrabíblica datável de um período seguramente formativo do culto e religião judaítas, ainda que em contexto diaspórico. Assim, Elefantina deve ser tomada como “a regra”, e a Bíblia Hebraica como “a exceção” a esclarecer. Os *ostraca* de Elefantina, por conseguinte, permitiriam ver que o *pêssach* tem uma história e uma trajetória complexa antes de se tornar o festival conhecido através do texto bíblico. Sua origem estaria vinculada a rituais protetivos do espaço doméstico.

Matheus Treuk é pós-doutorando do Departamento de História (FFLCH-USP)
bolsa FAPESP (processo 2023/01822-6)

Bibliografia (Para saber mais):

TADAE: Textbook of Achaemenid Documents from Ancient Egypt

BARNEA, G. Thwarting The ‘Evil Eye’: *psh* Through Achaemenid Aramaic Sources. A influência Persa/Aquemênida na Teologia Judaíta do pós-exílio. Tues. 23.04.2025 (09:00 @ PUCPR, Curitiba). Disponível em:

https://www.academia.edu/128999414/Curitiba_Thwarting_The_Evil_Eye_psh_%CA%BE_Through_Achaemenid_Aramaic_Sources

BARNEA, G. P. Berlin 13464, Yahwism and Achaemenid Zoroastrianism at Elephantine. In: BARNEA, G.; KRATZ, R. G. (ed.). Yahwism under the Achaemenid Empire: Prof. Shaul Shaked in Memoriam. Berlin: De Gruyter, 2024, p. 1-33.

VON PILGRIM, C.. On the Archaeological Background of the Aramaic Papyri from Elephantine in the Light of Recent Fieldwork. In: FOLMER, M. (ed.) – Elephantine Revisited. Eisenbrauns: University Park, Pennsylvania, 2022, p. 1-16.

